

GEOGRAFIAS DO COTIDIANO: DIFERENÇAS, CONTRADIÇÕES E RESISTÊNCIAS NO CAP-COLUNI

Lívia Victória Warol Carneiro ¹
Janete Oliveira ²

RESUMO

Este relato parte da vivência cotidiana como estudante de Geografia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (Cap-Coluni), com o objetivo de refletir criticamente sobre as desigualdades de raça, gênero e classe que atravessam os espaços escolares e que, muitas vezes, são naturalizadas no dia a dia. A experiência revela contrastes marcantes entre os modos de vida dos estudantes, evidenciando que, mesmo sendo uma instituição pública federal de excelência, o Cap-Coluni também reproduz desigualdades estruturais. Enquanto alguns alunos têm acesso a cursinhos privados, viagens internacionais e tecnologias avançadas, outros enfrentam jornadas duplas entre estudo e trabalho, dificuldades de transporte, alimentação e acesso a materiais básicos. A cor da pele, o gênero e a renda continuam a marcar os corpos que circulam pelos corredores, influenciando os espaços de pertencimento e exclusão. Nesse contexto, a geografia escolar se apresenta não apenas como disciplina, mas como uma ferramenta poderosa para compreender o território como espaço de disputa, interseção de estruturas de poder e palco de resistências. Por meio de rodas de conversa, projetos integradores e intervenções pedagógicas, emergem espaços de escuta, denúncia e reinvenção, e a convivência cotidiana transforma-se, assim, em terreno fértil para práticas educativas comprometidas com a equidade e a justiça social. A experiência vivida aponta para a urgência de uma formação docente sensível às dinâmicas territoriais do racismo, do sexismo e da desigualdade de classe, e comprometida com um currículo que valorize saberes plurais, histórias silenciadas e práticas contra-hegemônicas. Habitar a escola é também disputar seus sentidos — e a educação crítica se constrói, sobretudo, na escuta atenta e sensível do cotidiano.

Palavras-chave: Cotidiano escolar, Desigualdades, Geografia Crítica, Raça e classe, CAP-COLUNI.

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar é reconhecido como um espaço privilegiado para a compreensão das contradições sociais que perpassam a vida de estudantes e professores. Constitui, assim, um campo fértil para analisar como as desigualdades sociais, culturais e políticas mais amplas se materializam e se reproduzem em ambientes de formação.

O Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (Cap-Coluni) é uma instituição pública federal de excelência. Contudo, neste ambiente, emergem de maneira nítida desigualdades estruturais de raça, gênero e classe que atuam na organização de práticas,

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, livia.victoria@ufv.br;

² Doutor pelo Curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa - UFV, janete.oliveira@ufv.br;





relações e acessos dos indivíduos. O Coluni se configura, assim, como um microcosmo das contradições da sociedade brasileira. Apesar de seu prestígio e de oferecer oportunidades significativas de acesso a uma formação de qualidade, a escola reproduz lógicas estruturais de exclusão, demonstrando que é, simultaneamente, um lugar de oportunidades e um lugar de barreiras.

A análise aprofundada do cotidiano permite a observação concreta de como as estruturas sociais mais amplas incidem sobre a experiência escolar dos estudantes. Essa incidência se manifesta em contrastes severos: enquanto um grupo de estudantes tem a possibilidade de frequentar cursinhos privados, realizar viagens ao exterior e acessar tecnologias de ponta, um outro grupo enfrenta a realidade de jornadas duplas de estudo e trabalho, somadas às dificuldades de transporte e de alimentação. A cor da pele, o gênero e a renda são elementos que continuam a marcar os corpos, definindo pertencimentos e exclusões dentro dos corredores.

Neste contexto de disparidades, as geografias do cotidiano surgem como a chave interpretativa fundamental para se pensar as diferenças, as contradições e as formas de resistência presentes no Cap-Coluni. Inspirado pela perspectiva crítica da Geografia, este trabalho busca uma reflexão profunda sobre as "geografias do cotidiano" que se materializam nos espaços coletivos da instituição. O foco é ressaltar como as diferenças são vividas, as contradições se revelam e as formas de resistência se constroem. A análise interseccional das desigualdades (raça, classe, gênero) é imprescindível, pois a sociedade é "caracterizada pela 'diferença'", sendo atravessada por divisões e antagonismos sociais.

O objetivo central deste estudo é demonstrar como a geografia escolar se estabelece como uma ferramenta poderosa para compreender o território da escola como um espaço de disputa, onde há a interseção de estruturas de poder e o palco de emergência de resistências. A proposta é entender a escola como um território de disputas, onde se encontram forças hegemônicas e contra-hegemônicas, narrativas dominantes e práticas de resistência, reproduções sociais e, acima de tudo, possibilidades de emancipação. A educação, por sua natureza, não é um processo neutro, mas sim uma forma intrínseca de intervenção no mundo, assim como o é a ciência geográfica e todas as suas construções teóricas. A busca por uma educação que não reforce os sistemas de dominação (racistas, classistas, machistas) é um imperativo ético defendido por bell hooks, que propõe a educação como uma prática da liberdade.

METODOLOGIA





A pesquisa emprega um caráter qualitativo e exploratório. Sua base reside em uma etnografia do cotidiano escolar, realizada a partir da vivência da autora enquanto estudante de Geografia. A pesquisadora realizou sua iniciação à docência no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa, com a pesquisa se desenvolvendo entre os anos de 2024 e 2025.

A abordagem metodológica busca realizar o que Clifford Geertz (1989) denomina de “descrição densa” dos fenômenos sociais. Isso implica registrar tanto as práticas observadas quanto os significados que lhes são atribuídos pelos sujeitos envolvidos.

Os procedimentos metodológicos específicos utilizados no estudo foram:

1. Observação participante nos microterritórios do Coluni, abrangendo corredores, salas de aula e espaços de convivência.
2. Diário de campo, utilizado para registros de situações consideradas significativas, interações cotidianas e impressões subjetivas da pesquisadora.
3. Conversas informais com colegas e professores, com o intuito de privilegiar o caráter espontâneo da escuta e da interação.

A metodologia se alinha à proposta pedagógica de Paulo Freire, para quem a formação docente e a prática educativa exigem a reflexão crítica sobre a prática. O enfoque da pesquisa privilegiou os microterritórios da instituição, como os corredores, as salas de aula e os espaços de convivência como as arenas concretas em que as diferenças e as desigualdades se materializam.

Essa escolha metodológica é justificada pela importância central do lugar como dimensão vital da geografia do cotidiano (Santos, 1996). Segundo Michel de Certeau (1994), o cotidiano é compreendido como um espaço de práticas ordinárias, no qual se articulam dinamicamente a disciplina, a resistência e a invenção. Essa perspectiva do "lugar" é vital para a análise, pois, nas condições da modernidade, os locais são "inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles".

A análise das observações foi construída em diálogo constante com o referencial crítico, buscando interpretar as práticas observadas como expressões de processos sociais mais amplos. A metodologia crítica aplicada ao estudo requer a utilização de uma "análise contextual" e uma "estratégia que valorize a análise de baixo para cima". Tal estratégia, que historicamente começou pelo questionamento da maneira como as mulheres vivem suas vidas, se cumpre ao examinar o cotidiano do Cap-Coluni.

A pesquisa reconheceu a importância crucial de "saber escutar", pois uma escuta legítima e profunda demanda que o sujeito demonstre humildade, tolerância e abertura ao





novo. A prática docente crítica, que implica o pensar certo (Freire, 1996), exige do educador o movimento dinâmico e dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Reforça-se, conforme Paulo Freire (1996), que não existe prática educativa neutra: toda investigação detalhada do cotidiano escolar é, inerentemente, uma intervenção crítica no mundo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste estudo se estrutura sobre conceitos fundamentais que se destinam a desvendar as complexas relações de poder, identidade e produção do espaço social no contexto escolar. Tais conceitos permitem a compreensão do Cap-Coluni como um território em constante disputa.

Geografia Crítica, Espaço e Lugar (Milton Santos)

A teoria do espaço, na perspectiva de Milton Santos (1996), é, fundamentalmente, uma teoria do lugar. O espaço é concebido como algo que é historicamente produzido. O Cap-Coluni serve como este lugar específico, que se torna o ponto de recorte territorial por cujo intermédio a pluralidade total dos elementos sociais e as contradições encontram sua síntese. As disparidades e desigualdades vividas pelos estudantes no cotidiano da escola são lidas como manifestações diretas das transformações globais que, em termos de intensidade, "alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana". Essa perspectiva também contribui para a identificação da "geometria do poder", em que os fluxos globais e os recursos são distribuídos de maneira profundamente desigual entre a população e dentro da instituição.

Identidade, Diferença e Regimes de Representação (Stuart Hall)

Os estudos de Stuart Hall sobre identidade, diferença e regimes de representação oferecem a base conceitual necessária para analisar as identidades em crise e as relações de poder que se manifestam no ambiente escolar. Hall argumenta que as culturas nacionais (que podem ser lidas analogamente às culturas institucionais) tendem a buscar uma unificação. No entanto, essas culturas são intrinsecamente "atravessadas por profundas divisões e diferenças internas". A aparente unificação só é alcançada através do exercício de diferentes formas de poder cultural.

A representação é considerada uma das práticas centrais que produzem a cultura e o significado. Em ambientes de desigualdade, a estereotipagem é uma prática recorrente que se manifesta onde existem enormes desigualdades de poder. O estereótipo atua ao reduzir as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais. O poder, neste contexto sociológico, opera através de um "regime da verdade", circulando e sendo produtivo na





instituição. Além disso, o sujeito é compreendido como sendo produzido no discurso. A naturalização das diferenças e das exclusões no cotidiano escolar constitui exatamente um regime de representação (Hall, 2016) que serve para legitimar exclusões sutis, como a segregação de grupos em espaços ou a expectativa diferenciada sobre o desempenho acadêmico.

Interseccionalidade (Kimberlé Crenshaw)

A perspectiva interseccional, conforme proposta por Kimberlé Crenshaw (2002), é essencial para o estudo, pois permite capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação complexa entre dois ou mais eixos da subordinação. Os principais eixos de poder (raça, etnia, gênero e classe) são identificados como as avenidas que estruturam os terrenos sociais. A teoria mostra, por exemplo, que as mulheres racializadas estão vulneravelmente posicionadas justamente onde o racismo, a classe e o gênero se encontram em confluência. A subordinação interseccional estrutural abrange circunstâncias em que políticas institucionais se entrecruzam com estruturas básicas de desigualdade, o que resulta na criação de um misto de opressões para vítimas que se tornam especialmente vulneráveis.

Educação como Intervenção e Reprodução (Saviani, Freire, Bourdieu, hooks)

Demerval Saviani e Paulo Freire, através de seus estudos sobre a educação, fornecem o alicerce para a educação crítica ao conceberem a educação como uma intervenção política. A educação, por ser uma forma de intervenção no mundo, é intrinsecamente política e jamais neutra. Saviani, ao criticar as teorias meramente reprodutivistas, propõe que uma teoria crítica deve ser capaz de dar aos educadores um "poder real, ainda que limitado", para a realização da transformação social e a superação da impotência.

Paulo Freire (1996) enfatiza que a Pedagogia da Autonomia exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural dos educandos. A transgressão da ética se manifesta de forma clara na discriminação de raça, de gênero e de classe, contra a qual o professor tem o dever ético de lutar. A prática docente deve ser coerente e lutar pela promoção da ingenuidade para a criticidade. bell hooks (2013) complementa essa visão ao enfatizar que a educação deve ser praticada como uma prática de liberdade.

Em contraste, Pierre Bourdieu (1998) fornece o conceito de reprodução social. Ele argumenta que a escola tem uma forte tendência a reproduzir as desigualdades sociais por meio da valorização do “capital cultural” pertencente aos grupos historicamente privilegiados. No Cap-Coluni, isso se torna evidente na vantagem usufruída por estudantes que possuem acesso a cursinhos, viagens e repertórios familiares que já dialogam e se alinham com a





cultura escolar dominante, em total contraste com colegas que são obrigados a lutar contra barreiras materiais e simbólicas significativas.

Bell hooks, por sua vez, complementa essa visão ao enfatizar que a educação deve ser praticada como uma prática de liberdade. Fortemente inspirada por Paulo Freire, hooks publicou obras centrais em sua "Trilogia do Ensino", como *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade* (1994) e *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática* (2010). Sua reflexão surge de sua experiência pessoal como aluna em escolas segregadas e sua luta contra hierarquias e preconceitos baseados em classe, raça e gênero no ensino superior, especialmente em ambientes dominados por homens brancos.

A contribuição central de hooks é a Pedagogia Engajada (Ensino 3). Esta pedagogia é essencial para repensar a educação, pois traz a promessa de participação total dos estudantes e estabelece um relacionamento mútuo entre professor e alunos, que nutre o crescimento de ambas as partes e cria uma atmosfera de confiança. Para hooks, a pedagogia engajada capacita os estudantes a pensarem criticamente, o que não é um processo passivo de consumir e regurgitar informações, mas sim a arte de analisar e avaliar o pensamento para aprimorá-lo. O pensamento crítico requer discernimento e uma abertura radical.

Hooks argumenta que a escola não deve ser um lugar de doutrinação que apoie o "patriarcado capitalista imperialista supremacista branco", mas sim um espaço onde os estudantes aprendam a pensar criticamente. A ausência de críticas a sistemas de dominação faz com que a sala de aula seja um lugar "sem integridade", conceito que, para hooks, se refere à inteireza e à congruência entre o que se pensa, diz e faz. Além disso, a autora destaca a importância da descolonização das mentalidades, alertando que a educação tem servido historicamente como ferramenta de colonização nos Estados Unidos. A luta por esperança e libertação, conforme articulada por Freire e hooks, exige a denúncia constante de todas as formas de abuso.

Cotidiano e Geografia Escolar (Dayrell e Pontuschka)

Dayrell (2007) mostra que os jovens vivenciam a escola não apenas como um espaço de aprendizado formal, mas primariamente como um território de sociabilidade, construção de identidade e conflito. A vida cotidiana no Coluni revela essas tensões. Pontuschka (2009) defende a necessidade de uma geografia escolar que seja capaz de articular a ciência com a vida cotidiana. Essas perspectivas críticas fundamentam a leitura das resistências que emergem no Colégio através de iniciativas estudantis e práticas pedagógicas que são essencialmente contra-hegemônicas.





RESULTADOS E DISCUSSÃO

As observações etnográficas realizadas no Cap-Coluni revelaram que o colégio, a despeito de sua excelência acadêmica, manifesta profundos contrastes entre a sua comunidade estudantil. O espaço institucional é intensamente atravessado por desigualdades de natureza material e simbólica.

A Manifestação das Desigualdades Estruturais

Enquanto uma parte dos estudantes ostenta e demonstra acesso facilitado a recursos culturais e tecnológicos de ponta, uma outra porção significativa da comunidade estudantil enfrenta obstáculos severos que chegam a comprometer sua permanência e sucesso na instituição. A disparidade observada pode ser interpretada sob a luz da “geometria do poder” de Milton Santos (1996), uma vez que os fluxos globais de riqueza e informação se distribuem de maneira profundamente desigual entre os diferentes estratos da população que compõem a escola.

Os exemplos destas desigualdades são concretos e recorrentes: a disparidade entre aqueles que podem frequentar cursinhos preparatórios e realizar viagens ao exterior e aqueles que enfrentam jornadas duplas, conciliando estudo e trabalho, ou que lutam contra dificuldades crônicas de transporte e de acesso à alimentação adequada.

Inscrição das Diferenças e Regimes de Representação

A desigualdade estrutural se inscreve diretamente nos corpos dos estudantes. A cor da pele, o gênero e a classe social continuam sendo os fatores centrais que regulam os pertencimentos e as exclusões dentro do ambiente escolar.

A naturalização destas diferenças e disparidades (como se fossem meramente “naturais” ou decorrentes do mérito individual) constitui um regime de representação (HALL, 2016). Este regime tem a função de legitimar exclusões sutis. Tais exclusões se manifestam de diversas formas: desde a segregação informal de grupos específicos nos espaços de convivência (como os corredores ou o pátio), até a criação de expectativas diferenciadas sobre o desempenho e o futuro escolar, baseadas em marcadores de classe e raça.

As contradições do Coluni se manifestam, inclusive, em suas próprias práticas institucionais. Um exemplo notável é a ausência do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) na instituição. Essa ausência é agravada pela presença de lanchonetes privadas que vendem majoritariamente produtos industrializados. Este cenário não apenas reproduz as desigualdades alimentares, mas ilustra o que se pode chamar de “colonização do paladar” (VARGAS, 2021) e a mercantilização da própria vida escolar.

As Geografias da Resistência





Apesar da reprodução das lógicas hegemônicas, o cotidiano do Cap-Coluni não é estático; ele é um palco ativo de resistências. Fissuras e rupturas emergem constantemente. Tais resistências se manifestam através de práticas coletivas e individuais:

- Rodas de conversa sobre temas críticos como gênero e raça;
- Projetos integradores desenvolvidos por professores que demonstram um profundo compromisso com a justiça social;
- Coletivos estudantis que se organizam ativamente para reivindicar equidade e justiça.

Esses espaços de organização e diálogo configuram o que Certeau (1994) denomina de “táticas”. Tais táticas representam fissuras e rupturas localizadas dentro da ordem hegemônica institucional. Elas permitem reconfigurar os sentidos atribuídos ao espaço escolar e, assim, produzir novas geografias do cotidiano, pautadas na emancipação e na crítica. A vida dos jovens, revelando essas tensões e resistências em experiências culturais e rodas de conversa, confirma a visão de Dayrell (2007) sobre a escola como território de conflito.

A pedagogia engajada

A emergência dessas práticas de resistência e a busca por um currículo que valorize as histórias silenciadas se alinham diretamente à Pedagogia Engajada de bell hooks, que é uma forma de educar para a liberdade. hooks, ao refletir sobre sua própria experiência, enfatiza que a educação progressista deve desafiar os sistemas de dominação imperialistas, racistas, machistas e classistas, para que a escola não seja um lugar de doutrinação. A denúncia das desigualdades e a luta por equidade por parte dos coletivos estudantis e professores demonstram a concretização da pedagogia da esperança, vista como a denúncia contra todas as formas de abuso.

A vida dos jovens, revelando essas tensões e resistências em experiências culturais e rodas de conversa, confirma a visão de Dayrell (2007) sobre a escola como território de conflito e sociabilidade. Além disso, a busca por uma consciência crítica permanente, conforme defendida por Paulo Freire e bell hooks, é crucial para que os estudantes desenvolvam a sabedoria prática necessária para transformar o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo etnográfico e teórico evidencia que habitar o Cap-Coluni é, intrinsecamente, habitar um espaço de diferenças, de contradições profundas e de resistências persistentes. Demonstrou-se que a escola, mesmo ostentando o status de instituição pública e federal de excelência, não está imune, nem pode ser isolada, das estruturas históricas de desigualdade que caracterizam a sociedade brasileira. Este achado reforça a conclusão de que





o processo de globalização e suas oportunidades são distribuídos de maneira profundamente desigual entre os diversos estratos da população que a compõem.

Contudo, a análise detalhada do cotidiano escolar revela também fissuras, rupturas e possibilidades de reinvenção. Essas possibilidades se manifestam seja pela adoção de práticas pedagógicas que são essencialmente críticas, seja pela organização política estudantil em torno de pautas urgentes de equidade e justiça social.

A luta contra a transgressão da ética se manifesta de forma clara na necessidade de combater ativamente a discriminação de raça, de gênero e de classe. Isso requer uma prática docente que não seja apenas competente tecnicamente, mas que seja profundamente coerente em seus princípios, que valorize ativamente os saberes silenciados pelas narrativas hegemônicas e que cultive práticas emancipatórias. A pedagogia engajada de bell hooks, que busca capacitar os estudantes a se tornarem pensadores críticos, oferece o caminho para essa coerência, ao exigir que o professor desafie ativamente os sistemas de dominação.

A experiência vivida no Cap-Coluni reforça o entendimento de que o respeito incondicional à autonomia e à dignidade do educando é um imperativo ético. A educação verdadeiramente crítica e libertadora se constrói, sobretudo, a partir da escuta atenta e sensível do cotidiano, atuando no movimento freiriano de promoção da ingenuidade para a criticidade. Habitar a escola é, em última análise, um ato político: é disputar seus sentidos em defesa intransigente da ética universal do ser humano.

Conclui-se, assim, que a abordagem pela geografia do cotidiano é fundamental e essencial para se compreender a escola como um território de disputas que são tanto simbólicas quanto materiais. Essa compreensão impõe implicações diretas para a formação de educadores. A formação docente deve, necessariamente, incorporar essa perspectiva crítica, sendo sensível às complexas dinâmicas territoriais do racismo, do sexismo e das desigualdades de classe.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, 2002.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 1105-1128, 2008.





- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2010.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Sandra Regina G. de Lima. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia.** Campinas: Autores Associados, 2008.
- PONTUSCHKA, Nídia. **A geografia escolar: práticas e reflexões.** São Paulo: Contexto, 2009.
- VARGAS, André Azoury. **Território e alimentação: estudo de caso da Comunidade Indígena de Areal e Santa Maria – Rio Doce (Linhares-ES).** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

